

A EUROPA NA VISÃO DE UM BRASILEIRO

Letícia Braz da Silva¹

Vanda Ambrósia Pimenta²

Resenha do livro de Marques Rebêlo, *Correio Europeu*. São Paulo: Martins, 1959. 213 p.

O desejo de conhecer o Outro parece ser, há muito, o denominador comum de todos os povos, como se de um país a outro fosse possível encontrar pessoas ou situações que não nos devolvessem apenas a essência de nós mesmos. Mas além da essência, existem as diferenças, que inquietam o espírito do homem que se põe em viagem à procura do novo. Seguindo essa tradição, o escritor-viajante percorre e reproduz espaços, construindo sobre eles um imaginário à base de representações reais ou fantasiosas.

Marques Rebêlo foi um destes espíritos irrequietos, e, flanando pela Europa, traçou-nos do continente alguns retratos, muitos deles não menos exóticos do que aqueles que, do Brasil, fizeram os europeus em suas narrativas de viagem. Bom exemplo dessas imagens é o seu livro de crônicas *Correio Europeu* (1959), destinado aos brasileiros. Com esse livro, quem nunca passara até então pela Europa pôde saciar seu imaginário acerca do continente.

O foco do cronista são os contrapontos entre o Brasil e a Europa, dos quais emite juízos de valor. As imagens que nos fornece da Europa são imagens por

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (Bolsista CAPES). E-mail: <lbs.leticia@gmail.com>.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: <vapimenta2@yahoo.com.br>.

vezes opostas, por vezes idênticas, às do Brasil, transparecendo nelas os estereótipos que delineiam o imaginário sobre um e outro. No repositório de imagens concernentes ao europeu, prevalecem representações relativas à frieza, democracia (ou autoritarismo, dependendo do país), saúde, limpeza, valorização da cultura, cidadania e incapacidade de alegria autêntica. Por sua vez, o imaginário sobre o brasileiro é composto por representações relacionadas ao afeto, à alegria, à falsa democracia, ao desleixamento com as leis e à negligência do funcionalismo público.

Além da formação de imagens dos dois espaços, as crônicas do autor permitem também a oposição de culturas. E os imaginários se alternam, como positivos ou negativos, tanto para o Brasil, quanto para a Europa. Todavia, o cronista se ufana mais do Brasil (representado por Minas Gerais e pelo Rio de Janeiro) do que dos países europeus, além de assumir com naturalidade os nossos estigmas.

Rebêlo mostra o continente europeu ainda ofegante pelos efeitos da crise desencadeada no pós-guerra (miséria, ruínas, melancolia, totalitarismo), embora, durante sua passagem por lá, o pior já tivesse sido superado. Ele aponta a carestia de vida nos países de regime autoritário, a insuficiência das hospedarias, a insipidez da comida e das diversões, a falta de criatividade, o predomínio da sisudez, a alegria sem sal (decorrente, quem sabe, da atmosfera cinzenta do inverno), a malandragem e os resquícios da guerra.

Ao lado dos juízos negativos, sobressai a apologia da cidadania europeia, expressa na qualidade dos serviços de saúde prestados pelo Estado, na organização do trânsito e limpeza dos ambientes públicos, na seriedade das leis e imparcialidade da justiça, na eficiência do funcionalismo público e na qualidade de vida dos trabalhadores. Em Estocolmo, por exemplo, ninguém dirige depois de ingerir bebida alcoólica, sequer um gole, e os inspetores de trânsito são “insubornáveis”. A limpeza da cidade impressiona, e o cronista assim a resume: “Hoje vi uma môsca. Acho que era estrangeira” (p. 72).

A cada juízo positivo, o leitor tem a impressão de que o cronista aponta um dedo acusador contra a nação brasileira, despindo sem piedade o nosso modo de vida e sistema de governo, quase sempre o oposto do que ele presencia na Europa. Nas críticas que nos dirige, sobressai, às vezes, uma nota de exagero, fundado, quem sabe, nos estereótipos que compõem o

imaginário sobre o brasileiro ou mesmo em juízos pessoais. Rebêlo provavelmente se deixa levar por estes juízos ao falar sobre a Inglaterra e a França, dos quais ele tem uma visão bem desagradável. Porém, esta é uma característica comum do escritor-viajante, que, segundo Machado e Pegeaux (1988, p. 34), é “o memorialista dos seus feitos e dos seus gestos, herói da própria história que inventa e que arranja à sua maneira”.

O humor corrosivo, irônico, constitui uma das maravilhas do livro. Vazado em linguagem coloquial, com inesperadas incursões pelo registro demasiado formal, o humor de Marques Rebêlo é responsável por descrições concisas e impagáveis de atitudes, de tipos, de paisagens, de situações, de diálogos que soam quase surrealistas de tão burlescos.

A descrição de um hotel da cidade inglesa de Oxford é uma das inúmeras amostras em que ele emprega a comicidade aliada à economia do discurso: “Hotel majestoso. Escada majestosa. Banheira virgem” (p. 59). Com três substantivos e três adjetivos, o cronista nos informa da beleza do hotel e reforça o estereótipo dos ingleses como povo que não se banha. E, para sua infelicidade, nem os hóspedes do hotel.

A concisão e o tom de piada, de imagem tecida para informar e provocar o riso, revestem a maioria dos quadros eleitos para suas descrições. Os escoteiros, por exemplo, são definidos como “um bando de miúdos fantasiados de parvos, comandados por um parvo fantasiado de miúdo” (p. 24). Essa a tonalidade geral de suas representações sobre os europeus, alvos frequentes de seu humor, especialmente os ingleses: “No parque de diversões, grande de se perder, a gente só sabe que o inglês está se divertindo porque traz na cabeça um chapéu bizarro e colorido, de papel ou de palha” (p. 50).

Os brasileiros, funcionando como contraponto, também não ficam incólumes. A ironia que Rebêlo faz, por exemplo, com a agressividade no trânsito na capital carioca, ao falar dos atropelamentos, é simplesmente ímpar. No texto sobre Genebra (Suíça), ele se admira da quantidade de bicicletas nas ruas e comenta: “Para acabar com tal praga, lembrei propor à Municipalidade a vinda de uns oito lotações cariocas, que numa semana dariam cabo duns oito mil ciclistas e restabeleceriam o prestígio do chofer” (p. 31, grifos nossos). O mesmo humor é usado para a imagem do servidor público brasileiro realizando serviços em Copenhague (Dinamarca). Também aqui sobejam dissimulação e ironia para denunciar uma ética profissional negativa em que os funcionários, pretextando a execução de um trabalho no exterior, nada mais fazem do que um turismo pago com a verba do Estado. “A luzida comissão brasileira causou sensação na praça – nunca tinham visto meteoro idêntico. Chegou numa sexta-feira de noite, zarpou domingo ao meio-dia, sempre de avião. Viera estudar as condições do país e a obra de assistência social” (p. 87).

Com a mesma linguagem, o cronista consegue projetar, como já mencionado, as imagens deixadas pela Segunda Grande Guerra, com suas heranças terríveis para a Europa. A respeito de Madrid (Espanha), Rebêlo é bem objetivo. Só diz ver “um militar, um padre, um mendigo”, repetindo quatro vezes esta frase, modificada somente na quarta vez em um detalhe: o número de mendigos, que agora são dois. Além destes dizeres, faz uma referência ao ditador Francisco Franco e finaliza com “arriba España!” (p. 113).

Ao comentar sobre o restabelecimento dos países europeus, Rebêlo aproveita para criticar a maneira como os cidadãos encaram tal recuperação. Sua visita à basílica

resenhas e críticas . A EUROPA NA VISÃO DE UM BRASILEIRO

italiana de Santo Antônio exemplifica isto. Ao ver vários padres espalhados pelos altares, escuta de um habitante local que estes “estão trabalhando para a recuperação da Itália” (p. 127), e imediatamente associa esta pessoa a um espírito de porco. Se atentarmos para o sentido da expressão, seu emprego soa inadequado no contexto, o que não nos impede de captar a intenção do cronista: contradizer a ideia de que a reconstrução da Europa está nas mãos de santos, padres e afins. Em realidade, a recuperação do continente é uma façanha do capital americano ali injetado pelo Plano Marshall em seu projeto de auxílio aos países devastados. E, sobretudo, de combate ao comunismo, já que a contribuição é enviada somente aos países que lutam contra o regime.

Tudo o que é descrito passa a ter credibilidade pelo fato de o escritor ter um grande conhecimento histórico e aplicá-lo em suas críticas. As incoerências da história são apontadas em suas ferrenhas opiniões, nas quais ele relaciona suas leituras com o que de fato presenciou. É o que sucede em Verona (Itália), quando ele questiona a guia, perguntando se cristãos haviam mesmo sido devorados por leões no anfiteatro, e em Montreux (Suíça), quando afirma, convicto, que o “padrão europeu é mais baixo que o dos Estados Unidos” (p. 36). O cronista refere-se aqui ao padrão de vida, levado pela constatação de uma visível diferença de qualidade dos bens de consumo, como os carros, entre os dois países.

Mas o que descreveria Marques Rebêlo se tivesse se aventurado pelo continente europeu nesta crise econômica atual? Os motivos, certamente, seriam outros, porém as consequências, as mesmas. O escritor iria se deparar com países arrasados financeiramente, fato causador de um grande temor mundial.

Por meio das crônicas jornalísticas de Kenneth Maxwell, Vladimir Safatle e José Sarney, publicadas na *Folha.com*, têm-se impressões de um britânico e de brasileiros, respectivamente, a respeito do continente europeu e da crise do euro enfrentada por lá atualmente, tendo seu ápice em março de 2011. Sobressai nos textos a imagem de países altamente endividados e que, em meio à crise financeira, suprimiram o ideal de bem-estar e estabilidade que a Europa sempre “vendeu” aos outros continentes. As ações de combate à crise são lideradas especialmente pela França e Alemanha.

Em “De volta aos anos 30?”, Maxwell informa que a Alemanha é o país que tem na atualidade a economia mais forte da Europa, sendo “a fiadora do futuro econômico do continente”, e que os Estados Unidos ainda não tomaram uma iniciativa para reordenar a situação, correndo o risco de chegar a uma crise semelhante à dos anos 30. Isso é diferente do exposto por Rebêlo. Em sua crônicas, a Alemanha foi a mais afetada pela guerra/crise, que provocou sua destruição e o sofrimento de sua população. Hamburgo é descrita como uma cidade que, por pouco, não existiria, devido à “britânica ferocidade” com que os ingleses interpretaram o assunto bíblico: “dez dentes por um dente, dez olhos por um olho” (p. 107). Porém, graças ao interesse americano contra o comunismo, assegura o acompanhante do cronista-personagem, “dólares jorrarão para a reconstrução. E dólar aliado à capacidade germânica... Espere um pouco, meu caro amigo, para se admirar...” (p. 107).

Em “Democracia real”, Safatle, evidentemente, trata do aspecto democrático, igualmente abordado no *Correio Europeu*. O autor descreve a falta de escrúpulos dos atuais políticos da Europa, que reduziram a democracia à escrava do mercado financeiro. Afinal, como países

tão democráticos deixaram a grave situação financeira chegar ao ponto em que está? Isso faz com que o leitor reflita sobre o alto valor dado por Rebêlo ao Estado e seu funcionamento. Já Sarney, em sua crônica “A velha Europa”, procura mostrar o ar deprimido que os habitantes do continente carregam, havendo desaparecido “o brilho dos seus encantos” e cantos. Como viajante, não se esquecendo, é claro, de sua parcialidade política, ele percebe imediatamente a discrepância entre o ânimo brasileiro e o europeu. Com a contraposição dos continentes, Sarney menciona e exalta o crescimento do Brasil, sua euforia e sua autoestima, apesar de não apresentar o seu reverso: os desocupados, as crianças fracas e desprovidas de saúde.

Somente lendo todos estes autores para se aprender sobre o povo e a cultura dos espaços visitados e rir, com Rebêlo, de tantas situações como as citadas, além de saborear a poesia de algumas de suas descrições. São leituras primordiais para aqueles que pretendem aventurar-se por estes países sem um juízo idealizado, ilusório. As crônicas funcionam como uma espécie de guia que ameniza a frustração do brasileiro perante a sua cultura e equilibra as expectativas, ajudando a excluir a ideia de que o melhor e o mais interessante se encontram fora do país. Em suma, “o que mais importa em uma cidade é que ela tenha personalidade” (REBÊLO, 1959, p. 84).

Referências

MACHADO, Álvaro Manuel; PEGEAUX, Daniel-Henri. As experiências da viagem. In: _____. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 33-51.

MAXWELL, Kenneth. De volta aos anos 30? Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

SAFATLE, Vladimir. Democracia Real. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 13 nov. 2011.

SARNEY, José. A velha Europa. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 13 nov. 2011.